

Título: LA FILOLOGÍA HISPÁNICA EN MÉXICO. Tareas más urgentes. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1969, 80 págs.

Autor: Juan M. Lope Blanch, professor no "Colegio de México", Diretor da notável "Nueva Revista de Filología Hispánica", autor de diversos estudos de caráter dialetológico sobre o espanhol do México e, mais recentemente, do projeto de estudo da norma lingüística culta.

Assunto: O objetivo d'este livro é assinalar as omissões que se têm no estudo do espanhol do México e indicar as tarefas mais urgentes para saná-las. Segundo o A., há três aspectos a abordar:

I) Estudo e descrição da língua espanhola que chegou ao México no séc. XVI.

II) Investrigação rigorosa da evolução que esse sistema seguiu no México daquela época até nossos dias.

III) Estudo e descrição do estado em que se encontra atualmente o espanhol mexicano.

A primeira das tarefas reporta-se ao estudo do espanhol europeu do séc. XVI e do espanhol ~~xxxxxxx~~ nos primeiros pontos de sua implantação na América: o espanhol das Canárias e das Antilhas. Será necessário estudar a linguagem dos missionários e cronistas, tal como a deixaram nos documentos escritos da época; para tal, há de fazer-se inicialmente uma edição filológica daqueles autores, pois as edições dos historiadores não são seguras do ponto de vista lingüístico. Toda uma série de documentos lingüísticos deve ser preparada previamente, à semelhança do que fizeram Ramón Menéndez Pidal e seus discípulos para o espanhol medieval. Este plano do A. foi recentemente acolhido pela Comissão de Lingüística Iberoamericana do VI Simpósio do Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Línguas (San Juan de Porto Rico, 14-19 de junho de 1971), tendo-se designado uma comissão para estudar a matéria.

No capítulo seguinte tocam-se algumas considerações sobre a evolução do espanhol do México, algumas das quais para aceleração de processos já iniciados na Península Ibérica: o eseo, a confusão entre x e j, etc. Para proceder a um estudo consciencioso da matéria, é preciso conhecer bem a língua dos indígenas que habitavam o México à chegada dos espanhóis. E quanto às contribuições dessas línguas, é preciso, no caso do México, e para além dos repertórios que se publicaram, estudar a distribuição geográfica das palavras dessa origem, sua vitalidade e matizes estilísticos, grau de castelhanização de sua fonética. O A. mostra também como o aplenamiento das pesquisas comprovou o hispanismo de certos dados morfológicos e sintáticos atribuídos ao náhuatl (pp. 26 e ss.) Outros fatores da evolução histórica do espanhol no México são as influências das línguas africanas (p. 31), o eventual andaluzismo dessa variante lingüística ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~

tica, o nível cultural dos colonizadores e sua conseqüência no espanhol transplacado para a América, seu arcaísmo, influências do inglês, etc.

No capítulo terceiro traçam-se algumas considerações sobre o estudo do espanhol mexicano de nossa época. Defende o Prof. Blanch o estudo sistemático do falar urbano em sua modalidade falada e escrita. Quanto à norma culta falada apresentou ao II Simpósio do PILEI (1964) projeto o que nos referimos já nesta folha (ver "A Descrição do Português Culto", edição de 23/3/1969), e cujo histórico saiu em seguida no volume Projeto de Estudo da Norma Lingüística Culta de Algumas das Principais Capitais do Brasil, Marília, Conselho Municipal de Cultura, 1970, 81 págs. Ainda recentemente, por ocasião do já citado VI Simpósio do PILEI, relataram-se as conquistas do projeto de Lope Blanch em diversas capitais latino-americanas, bem como alguns aspectos de sua implantação no Brasil.

Também os falares rurais têm sido estudados no México, estando em exame a divisão lingüística formulada em 1921 por Henriques Ureña, três etapas caracterizam esse trabalho: inquéritos de sondagem em vinte localidades, gravando-se dez horas em cada uma (etapa já cumprida); "segunda etapa: com a informação reunida na etapa inicial preparou-se um questionário prévio no qual se recolher os problemas de caráter fonético, gramatical e léxico que os questionários produziram e foram mais produtivos, em 100 diferenciadores. Começou-se nele 62 perguntas, mas em algumas delas se indagam duas ou mais questões lingüísticas, aproximando-se o total dos problemas estudados a mil" (p. 54). Essa etapa está em desenvolvimento. Terceira etapa: aplicação do questionário anteriormente citado em 250 povoados, com o que se terá reunido material para "determinar com relativa precisão as diversas áreas dialetais do país". Encerram o cap. algumas indicações bibliográficas e preciosas orientações metodológicas para a elaboração de uma monografia sobre matéria dialetológica (pp. 55-56).

Apreciação: Mais de uma qualidade toram este livro de leitura extremamente agradável e proveitosa. Inicialmente, o equilíbrio que marca as posições do A., sempre atento aos progressos da Lingüística, sem que nunca isto implique no desprezo das lições do passado. Depois, as muitas sugestões que este trabalho encerra para o desenvolvimento harmonioso da Lingüística na América Latina em geral. Acredito que os responsáveis pelo planejamento da pesquisa lingüística em nosso país (e estou pensando particularmente nos novos cursos de pós-graduação ora em fase de instalação) devam ler atentamente o livro de Lope Blanch, cuja liderança na América Latina se positivou muito marcadamente desde que seu projeto de estudo da norma culta assumiu as dimensões que hoje conhecemos.

Do outro lado, consideradas as analogias históricas observadas

na romanização do México e na do Brasil, poderia o estudo da língua portuguesa em nosso país beneficiar-se largamente das recomendações que Lope Blanch formula para o caso mexicano, o que nos levaria a sair do atual estado de apatia ~~que~~ em que se encontram os trabalhos dessa espécie entre nós.

Ataliba T. de Castilho